ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/332426015

Trump dos trópicos? Política externa de ulltradireita no Brasil

Article · April 2019

DOI: 10.33960/AC_06pt.2019

CITATIONS
2

READS
362

1 author:

Gilberto M. A. Rodrigues
Universidade Federal do ABC (UFABC)

83 PUBLICATIONS **162** CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:

Project International Organizations and Global Issues View project

Project International Organizations and Global Issues View project

All content following this page was uploaded by Gilberto M. A. Rodrigues on 30 April 2019.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

TRUMP DOS TRÓPICOS?
POLÍTICA EXTERNA DE ULTRADIREITA NO BRASIL

Gilberto M. A. Rodrigues
15 de abril de 2019

The Economist afirmou que Jair Bolsonaro "seria um presidente desastroso para o Brasil". A capa daquela edição trazia a foto do então candidato, acompanhada da frase: "A última ameaça da América Latina"[1]. Naquele momento, com base na retórica agressiva de Bolsonaro e de sua trajetória política, a matéria ecoava as preocupações da imprensa internacional, de governos e da sociedade civil que acompanham a política brasileira.

A política externa brasileira (PEB) é um dos mais contundentes exemplos do desastre que o governo de Bolsonaro impõe sobre uma das áreas mais bem organizadas, estáveis, previsíveis e respeitadas do Estado brasileiro.

O desmonte da PEB tem sido criticado por diplomatas aposentados e em funções, acadêmicos e pesquisadores de todo o espectro político e ideológico brasileiro. É consenso que a guinada imposta pelo novo governo à PEB não tem precedentes no período democrático recente. O ex-chanceler Celso Amorim considera que está em curso a maior mudança na PEB desde o regime militar. Como entender e interpretar a nova e soturna diplomacia Bolsonarista? A chave passa pelo moralismo ultraconservador, de perfil autoritário, inspirado e alinhado ao trumpismo.

Em seus 100 primeiros dias, Bolsonaro elegeu os EUA, o Chile e Israel —governados por políticos de direita— como prioridades de sua PEB. Quebrando tradição diplomática nas relações bilaterais, a Argentina, principal parceira na América do Sul, ficou de fora da agenda[2]. Os BRICS— principal iniciativa global da qual o Brasil é co-fundador e membro ativo— ficou em segundo plano. E a China —parceira estratégica e principal destino das exportações do agronegócio brasileiro— foi marginalizada.

[1] *The Economist*, "Latin America's latest menace" (22-28/09/18).

[2] O Presidente Mauricio Macri não compareceu à posse de Bolsonaro. O mal-estar foi desfeito com uma visita oficial de Macri ao Brasil, acompanhado de comitiva de ministros (16-17/03/19).

Em paralelo à PEB ideológica, contrapõe-se e se desenvolve uma PEB pragmática, à luz do dia e à sombra dos militares. Há um "segundo trilho" da PEB liderado pelo Vice-Presidente, Gen. Mourão, com apoio de ministros-generais do "Grupo do Haiti".

Diante desse quadro, quem são os atores envolvidos nessa "máquina trituradora" da diplomacia brasileira? Quais são os fatos a demonstrar que a PEB descarrilou perigosamente de seu trilho racional? Como o pragmatismo dos militares serve de barreira de contenção ao extremismo ideológico na PEB? Afinal, o que será da política externa brasileira? É o que propomos responder neste texto.

Trump, fonte de inspiração

Durante a campanha presidencial, o candidato Jair Bolsonaro declarou à *Globo News* que seu modelo de líder era Donald Trump. Sua admiração pelo presidente estadunidense é fator sintomático de suas afinidades com o trumpismo no âmbito ideológico da ultradireita. Após a eleição, Trump converteu Bolsonaro em peça chave de sua estratégia de retomada da hegemonia política no hemisfério.

A imprensa estadunidense intitulou Bolsonaro de *Trump Tropical*, aludindo à sua semelhança com o presidente estadunidense. Mas as afinidades entre ambos não se limitam às ideias, ao perfil neonacionalista, à propensão à pós-verdade (e.g., negação do aquecimento global e da ditadura militar no Brasil) e ao gosto por governar pelo Twitter. Na campanha, Bolsonaro valeu-se de estratégias semelhantes às utilizadas por Trump, a partir de contatos com Steve Bannon, cujo projeto principal —após seu expurgo do governo de Trump— tem sido constituir uma "internacional de direita" no mundo. Nesse projeto, o Brasil de Bolsonaro jogaria papel crucial na América Latina como *pivotal state* da estratégia de dominação da ultradireita no mundo.

Atores "ideológicos" da PEB

Olavo, mentor e eminência parda

Como parte de sua orientação "superior", Bolsonaro se fia em Olavo de Carvalho, escritor autointitulado filósofo, que reside há vários anos nos EUA e se tornou guru de grupos de ultradireita, por suas ideias propagadas em livros, vídeos e postagens em redes sociais. Carvalho é uma usina de ideias anti-históricas e anticientíficas (como a defesa do *terraplanismo*).

Exercendo notória ascendência sobre o presidente, a Carvalho se atribui a indicação de dois ministros (Relações Exteriores e Educação), o assessor internacional da presidência, e outros integrantes do governo, todos ex-alunos, discípulos e "olavistas" mais recentes. Seus embates verbais não se confinam a jornalistas, críticos e opositores de Bolsonaro, mas atingem o próprio governo, incluindo o

vice-presidente, Gen. Mourão. Considerado pelo núcleo militar uma fonte de instabilidade, Olavo foi classificado como "inconsequente e desiquilibrado" pelo Gen. Santos Cruz, Ministro da Secretaria de Governo (FOLHA, 2019).

Eduardo, o poderoso filho do Presidente

Eduardo Bolsonaro, o terceiro filho do Presidente, elegeu-se deputado federal pelo Partido Social Liberal (PSL) de São Paulo e vem atuando diretamente na PEB. Sua movimentação internacional nos primeiros meses de governo lhe atribuíram a imagem de "chanceler paralelo" do governo. Mantém contato direto com Steve Bannon, de quem recebeu a incumbência de liderar a nova ultradireita latino-americana. Na viagem de Bolsonaro aos EUA, Eduardo teve papel sobressalente e participou do encontro reservado de seu pai com Trump, na Casa Branca – fato atípico para os padrões da diplomacia presidencial estadunidense. Trump e Bannon apostam em Eduardo como sucessor natural do pai para manter o poder político no Brasil. Sua projeção política consumou-se com a indicação do PSL (partido do presidente), para assumir a Presidência da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, o que lhe confere posição estratégica para atuar internacionalmente.

Araújo, o chanceler "antiglobalista"

Ao escolher o diplomata Ernesto Araújo como ministro das Relações Exteriores, o presidente Bolsonaro ensaiou prestigiar o Itamaraty, não cedendo a pasta a político ou militar. Entretanto, Araújo fora promovido recentemente a ministro de primeira classe da carreira e nunca exercera chefia de missão permanente, portanto, não era embaixador – o que significou quebra de tradição dentro de um ministério hierarquizado. Sua principal credencial era seu alinhamento ideológico com Bolsonaro e, sobretudo, com Olavo de Carvalho. Um artigo publicado por Araújo no *Cadernos de Política Exterior*, da FUNAG (2017), tornou-se seu portfólio de candidato a ministro (*HUFFPOST*, 2018). No texto, Araújo diz que Trump "pode salvar o Ocidente". Sua adesão ao "antiglobalismo" é a base de sua cruzada contra a diplomacia exercida por todos os governos anteriores, maculadas por suposto "marxismo cultural".

Em sua Aula Magna, proferida no Instituto Rio Branco (IRBr), a academia diplomática brasileira, Araújo explica suas concepções ideológicas de política externa. Elegeu como seus dois pilares a "liberdade" e a "grandeza". Suas ideias são refratárias a princípios básicos da diplomacia brasileira, presentes desde o início do século 20. Coloca em segundo plano o multilateralismo, definindo-o como instrumental e põe em xeque o

pragmatismo e a inserção brasileira na política internacional ao afirmar que o Brasil pode "vender soja, minério de ferro, mas não deve vender sua alma", em alusão às relações com a China – principal destino das exportações brasileiras (Araújo, 2019).

Dentro do Ministério, em pouco mais de dois meses, Araújo promoveu uma caça às bruxas, demitindo sumariamente quadros experientes, substituindo-os por diplomatas de sua geração e confiança pessoal, e lançando um sinal de aparente "limpeza ideológica". Segundo o ex-ministro das Relações Exteriores do Presidente Cardoso, Celso Lafer, "O que está acontecendo agora é uma espécie de vocação inquisitorial, onde aparentemente o chanceler se unge da lembrança de Torquemada (...)". Para além das demissões, Araújo extinguiu e redefiniu órgãos que tratavam de meio ambiente, direitos humanos e outros temas importantes para a cooperação internacional do país. Ato polêmico e simbólico de sua "cruzada ocidentalizante" foi a determinação de eliminar parte do conteúdo sobre a América Latina no currículo de formação dos diplomatas e introduzir Filosofia Clássica.

Intitulado como "O pior diplomata do mundo" (Pagliarini, 2019), por seu radicalismo temerário em discursos e entrevistas, Araújo obteve a unanimidade das críticas entre diplomatas aposentados e acadêmicos de vários matizes ideológicos e espectros políticos. E conseguiu – esse terá sido seu maior pecado – despertar a sentinela dos influentes militares que atuam no núcleo político do governo. Um dos diplomatas expurgados por Araújo afirmou que os militares já teriam criado um "cordão sanitário" para impedir que o Ministro cometa mais erros —a partir de sua postura beligerante em relação à crise da Venezuela— e ameace a imagem e a estabilidade externa do País (Almeida, 2019).

Felipe, o assessor presidencial "olavista"

Felipe Martins é um jovem analista político desconhecido dos meios acadêmicos e diplomáticos, sem experiência de gestão pública ou internacional, que assumiu a função de chefe da Assessoria Internacional do Presidente. Tal função ganhou importância no período da redemocratização, no governo de Fernando Henrique Cardoso (com o Embaixador Gelson Fonseca Jr.), e sobretudo nos de Lula da Silva e de Dilma Rousseff (com o professor de história da Unicamp e quadro intelectual do Partido dos Trabalhadores, Marco Aurélio Garcia). Martins caiu nas graças de Bolsonaro porque acertou os estados em que Trump venceu a eleição nos EUA e, sobretudo, por seu prognóstico, feito um ano antes da eleição de Bolsonaro, que este venceria o pleito. Tornou-se aliado de Eduardo Bolsonaro e conectado com o guru Olavo de Carvalho. Admirador declarado

dos senadores republicanos Marco Rubio e Ted Cruz, trabalha intensamente pelo alinhamento da PEB com o governo Trump (Martins, 2018).

Deputados evangélicos, "adoradores" de Israel

Bolsonaro mantém forte relação com a bancada parlamentar evangélica, cuja atuação no Congresso se pauta pelo ultraconservadorismo nos costumes (e.g., contra o aborto e políticas à comunidade LGBTI). Com esse grupo, Bolsonaro teria assumido compromisso de campanha de transferir a embaixada do país de Tel Aviv para Jerusalém. O tema é complexo e muito arriscado, pois contraria a PEB desde a criação dos Estados de Israel e da Palestina – com o qual o Brasil contribuiu decisivamente por meio do presidente da Assembleia Geral da ONU, o embaixador Oswaldo Aranha. A Liga Árabe e países como Egito e Arábia Saudita já deram indicações de que poderão retaliar o comércio bilateral se Bolsonaro consumar essa ação doidivana.

Atores "pragmáticos" da PEB

Vice-Presidente Mourão, o general pragmático

Em meio aos radicalismos verbais e ações arriscadas do Ministro Araújo, dos filhos de Bolsonaro e do próprio Presidente, o vice-presidente Hamilton Mourão começou a atuar como "bombeiro" e voz sensata, apaziguando e reinterpretando declarações do Presidente e do grupo "ideológico" da PEB. A PEB vice-presidencial de Mourão, algo inteiramente novo no Brasil, vai se firmando, na medida em que os militares exercem maior ascendência sobre o governo (Rosevics, 2019). Observa-se uma disputa pelo espaço da formulação das prioridades da PEB, em temas cruciais, como o tratamento da crise da Venezuela e as relações com a China. Mourão tem tido agenda movimentada, recebendo embaixadores e palestrando para entidades empresariais. Ex-adido militar em Caracas, sua atuação mais destacada até agora foi como chefe da delegação brasileira na reunião do Grupo de Lima que rechaçou a intervenção militar externa na Venezuela.

Os ministros generais do "Grupo do Haiti"

Dos atuais 22 ministros do governo de Bolsonaro, oito são militares. Há um núcleo duro de generais que compartilham a experiência de haverem sido comandantes do componente militar da Missão das Nações para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), composto por um triunvirato formado pelo Gen. Augusto Heleno, Ministro do Gabinete de Segurança Institucional (SGI); Gen. Carlos Alberto Santos Cruz, Ministro da Secretaria de Governo; e Gen. Fernando Azevedo e Silva, Ministro da Defesa. O Gen. Heleno é o mais influente desse grupo, tanto nas Forças Armadas quanto no governo de Bolsonaro. Aparentemente o trio está alinhado com o Vice-Mourão e pode-

rá exercer influência mais direta na PEB, se houver "demanda" para tal.

Paulo Guedes, Ministro da Economia - voz e alma do mercado

Paulo Guedes tornou-se o mais importante colaborador de Jair Bolsonaro em sua campanha presidencial. É o principal ministro do presidente e fiador das reformas econômicas ultraliberais prometidas por Bolsonaro. Na PEB, a principal plataforma defendida por Guedes é a adesão do Brasil à OCDE. Mas em sua equipe, que incorporou a Secretaria de Comércio Exterior, há colaboradores que advogam o ganha-ganha nas relações comerciais, e divergem das concessões unilaterais prometidas por Bolsonaro a Trump. Guedes declarou nos EUA que "(...) o Presidente ama a América e eu amo a América, mas eu sempre digo para ele que me deixe negociar com quem traz mais lucro".

O "descarrilamento" da PEB

A PEB de ultradireita começou a ser executada após a eleição de Bolsonaro, durante a transição. Bolsonaro declarou que iria adotar medidas para expulsar os médicos cubanos do Programa Mais Médicos, uma política de saúde bem-sucedida de cooperação internacional Sul-Sul triangular (Brasil-Cuba-OPAS). As autoridades cubanas decidiram retirar os cubanos do país antes que Bolsonaro tomasse posse. Por outro lado, o Brasil se candidatara a sediar a COP-25, a dar-se em novembro de 2019, mas Bolsonaro pediu ao Presidente Temer para retirar a candidatura. Temer alegou motivos orçamentários, mas Bolsonaro declarou que havia pedido esse cancelamento. E, finalmente, o recuo na adoção do Pacto Global das Migrações da ONU. O que indica guinada de 180º da PEB nesses temas.

Fórum de Davos

Em sua primeira viagem internacional, Bolsonaro foi ao Fórum de Davos. Sua participação foi considerada decepcionante pela imprensa internacional – lançando dúvidas sobre a eficácia de sua diplomacia presidencial. Ali, a principal figura foi o Ministro Paulo Guedes, com seu inglês fluente e agenda ultraliberal.

Venezuela

A crise da Venezuela tornou-se uma janela de oportunidade para os EUA reviverem a Doutrina Monroe na América Latina (Hershberg, 2019). Embora seja o principal tema atual da PEB, com seu alinhamento aos EUA, Bolsonaro abre caminho para uma ação direta de Washington. Mas os atores ideológicos foram longe demais: as declarações agressivas do Ministro Araújo sobre o governo de Maduro e sua retórica intervencionista e beligerante alarmaram os militares; o assunto passou para a alçada do vice-presidente Mourão. Em relação à acolhida de refugiados, o Brasil mantém a mesma política dos governos anteriores, cuja "Operação Acolhida" organizada pelas Forças Ar-

madas, com apoio do ACNUR e ONGs na fronteira com a Venezuela, tem sido bem-sucedida e considerada uma ação modelo.

EUA

As críticas à relação de Bolsonaro com Trump começaram na preparação de sua viagem. Ao receber John Bolton, em Brasília, Bolsonaro bateu continência para ele, em tom jocoso, porém simbólico da submissão aos EUA. Em Washington (17-20/03/19), Bolsonaro lançou mão de todo seu arsenal para agradar a Trump, prometendo o que podia e o que não podia: assinou acordo para utilização da Base de Alcântara, no Maranhão, para lançamento de foguetes; anunciou o fim de vistos de turista para estadunidenses, a partir de junho de 2019, sem contrapartida de reciprocidade; renunciou ao status especial de país em desenvolvimento na OMC. Em troca, os EUA declararam apoio ao país para ingresso na OCDE e o status de aliado extra-OTAN. Enquanto Bolsonaro assumiu compromissos onerososos para soberania nacional, Trump prometeu apoios fáceis que podem não se concretizar. Porém, são atos sujeitos à aprovação do Congresso Nacional. No *Brazil Day*, "vendeu" o Brasil a empresários e, fora da agenda oficial, visitou a CIA, gerando especulações sobre seus planos para o serviço de inteligência brasileiro.

Chile

Em sua viagem ao Chile (21-22/03/19), Bolsonaro exaltou sua afinidade com o presidente Piñera e o modelo neoliberal da economia chilena (que atualmente é questionado no Chile) e também causou polêmica por sua admiração a Pinochet (o presidente do Congresso chileno recusou convite para o jantar em homenagem a Bolsonaro). A assinatura da Declaração de Santiago criando o PROSUL, sob liderança de Piñera — conjunto de 12 países que reproduz o Grupo de Lima— nasce excludente e com baixo interesse em promover a integração. É o início oficial do desmonte da UNASUL.

Israel

Previamente à viagem à Israel, o Brasil votou a favor do país contra a Palestina no Conselho de Direitos Humanos da ONU – fato inédito na PEB. Bolsonaro esteve em Israel (30/03-02/04/19), uma semana antes das eleições gerais do país, servindo como trunfo diplomático a Netanyahu. A promessa de mudar a embaixada para Jerusalém foi cumprida parcialmente com o anúncio de abertura de um Escritório Comercial na cidade, sem função política, fato a revelar vitória parcial dos "pragmáticos" da PEB.

Regressão no multilateralismo

Em todas as frentes multilaterais em que o Brasil atuava há décadas com posições comuns aos países em desenvolvimento, há uma regressão

acelerada em temas de direitos humanos e meio ambiente. Ataques verbais feitos por diplomatas a defensores de direitos humanos (como o realizado contra Jean Willys no Conselho de Direitos Humanos da ONU) são apenas o lado visível do desmonte da PEB multilateral.

"O que será" da PEB?

O que será (a flor da terra), canção-símbolo contra a ditadura militar no Brasil, de Chico Buarque, é lembrança oportuna para indagar para aonde vai a PEB, num cenário de imposição da ultradireita e desmonte de legados diplomáticos de décadas.

O peso internacional do Brasil e sua importância como ator regional e global havia mudado a (auto)percepção sobre o país. De "país do futuro"[3] mudou para país de um presente promissor. A PEB tornou-se "ativa e altiva"[4], em várias arenas e ousou adotar uma política internacional para a América Latina e o Caribe, com o Mercosul, a UNASUL e a CELAC, e em temas globais, como membro do G/20 (2003), dos BRICS e protagonista de ações em prol dos países em desenvolvimento, como na política para HIV/AIDS, combate à fome, ações afirmativas de raça e LGBTI, mudança do clima e meio ambiente, não proliferação nuclear, atuação em missões de paz entre outros.

A PEB de ultradireita do presidente Bolsonaro coloca em xeque todo esse legado de liderança brasileira nos contextos regional e global. A radical mudança, que já recebeu qualificativos de "diplomacia da ruptura" (Spektor, 2019) e "diplomacia da subserviência" (Fuser, 2019), erode o legado de governos democráticos pós-ditadura militar nas relações internacionais do país.

O principal eixo retórico do presidente Bolsonaro é sua obsessão com "desideologizar" as relações do país com seus parceiros. A negação da ideologia de seus antecessores ocorre por adesão messiânica à ideologia de ultradireita, ultraliberal na economia, ultraconservadora nos costumes e alinhada unilateralmente com o trumpismo. A ideologia de ultradireita fulmina o pragmatismo da PEB, consagrado pelo Barão do Rio Branco e seus sucessores, em temas essenciais das relações bilaterais e multilaterais do País.

Em meio a esse turbilhão, a grande contradição do governo Bolsonaro é sua hostilidade com a China, maior parceira comercial do país (desde 2009, maior destino das exportações brasileiras) e parceira estratégica, com milhões de investimentos no país, além de principal acionista do NDB e outros grandes bancos asiáti-

[3] Título do livro do escritor austríaco exilado Brasil, Stefan Zweig, *Brasil, o país do futuro*.

[4] Frase que se tornou o bordão da política externa do presidente Lula, a partir da síntese feita por seu chanceler, Embaixador Celso Amorim.

cos financiadores de desenvolvimento. Se a aproximação com Trump implicar maior distância com Beijing, haverá problemas para a PEB, ou, como sugerem as autoridades chinesas, "graves consequências".

Nesse cenário, cabe fazer duas indagações. Primeira: haverá um *modus vivendi* estável entre os dois trilhos da PEB – o ideológico e o pragmático? Ainda é cedo para saber, porém, uma tendência parece certa: militares irão ampliar seus espaços políticos e de gestão no governo Bolsonaro e, com eles, o grupo dos "pragmáticos" atuará para evitar o total descarrilamento da PEB. Segunda: agirá o Congresso Nacional para exercer seu contrapeso constitucional na PEB? Talvez aqui esteja a chave para o contraponto democrático à PEB de ultradireita.

Gilberto M. A. Rodrigues, doutor em Ciências Sociais, é Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC), em São Paulo, Brasil. Pesquisador Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências bibliográficas

AMORIM, C. (2019): "Entrevista para o blog de Jamil Chade", disponível em: https://jamilchade.blogosfera.uol.com.br/2019/02/23/ex-chanceler-alerta-sobre-intervencao-na-venezuela-amanha-pode-ser-aqui/.

ARAÚJO, E. (2019): *Aula Magna do Ministro Ernesto Araújo aos novos diplomatas do IRBr*, Brasília, MRE, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Qt1kCY7D0M&feature=youtu.be.

BOLSONARO, J. M. (2018): "Entrevista para a Central das Eleições", *Globo News* (03/08/18) disponível em: https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6921428/.

FOLHA DE SÃO PAULO (2019): "Olavo é desiquilibrado, diz ministro general de Bolsonaro" (25/03/19), disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/olavo-e-desequilibrado-diz-ministro-general-de-bolsonaro.shtml.

FUSER, I. (2019): "Diplomacia da subserviência", *OPEB*, UFABC (texto ainda não disponível).

HERSHBERG, E. (2019): "Venezuela: A test of U.S. Hegemony in

Latin America", *AulaBlog,* Washington, D.C., CLALS-AU, disponível em: https://aulablog.net/2019/01/31/venezuela-a-test-of-u-s-hegemony-in-latin-america/.

HUFFPOST (2018): "Ernesto Araújo: como um artigo definiu o novo chanceler" (15/11/18), disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/15/ernesto-araujo-como-um-artigo-definiu-o-novo-chanceler_a_23590181/

MARRA, A. T. (2019): "Qual o lugar da China na política externa brasileira?", *OPEB,* UFABC (texto ainda não disponível).

MARTINS, F. (2018): "InfoMoney entrevista Filipe Martins", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IH8LP1dawK4.

OESP (2019): "Embaixador exonerado aponta 'quebra de procedimento' no Itamaraty" (entrevista de Paulo Roberto de Almeida) (04/03/19), disponível em: https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,embaixador-exonerado-aponta-quebra-de-procedimento-no-itamaraty,70002743955.

PAGLIARINI, A. (2019): "The Worst Diplomat in the World", *Jacobin,* disponível em: https://www.jacobinmag.com/author/andre-pagliarini.

RODRIGUES, G. M. A. (2018): "Brazil: Far-Right Foreign Policy Ahead?", *AulaBlog,* Washington, D.C., CLALS-AU, disponível em: https://aulablog.net/2018/12/04/brazil-far-right-foreign-policy-ahead/.

-- (2018): "¿Cómo será la política exterior de Brasil con Bolsonaro?", *Esglobal,* disponível em: https://www.esglobal.org/como-sera-la-politica-exterior-de-brasil-con-bolsonaro/.

ROMANO, G. *et al*. (2019): "Uma nova prioridade na política externa: Israel", *OPEB*, UFABC, disponível em: https://opeb.org/2019/03/17/uma-nova-prioridade-na-politica-externa-israel/.

ROSEVICS, L. (2019): "General Mourão e sua Diplomacia vice-presidencial", *Diálogos Internacionais*, disponível em: http://www.dialogosinternacionais.com.br/2019/02/general-mourao-e-sua-diplomacia-vice.html.

SPEKTOR, M. (2019): "Diplomacia da Ruptura", em: *Democracia em risco?*, versão preliminar disponível em: https://www.academia.edu/38387851/Diplomacia_da_Ruptura.pdf.

Fundación Carolina, abril 2019

Fundación Carolina
C/ Serrano Galvache, 26.
Torre Sur, 3ª planta
28071 Madrid - España
www.fundacioncarolina.es
@Red_Carolina

https://doi.org/10.33960/AC_06pt.2019

La Fundación Carolina no comparte necesariamente las opiniones manifestadas en los textos firmados por los autores y autoras que publica.

Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)

View publication stats